

Revista
Latino-americana de

**Geografia e
Gênero**

Volume 8, número 1 (2017)

ISSN: 2177-2886

Artigo

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

*La Fuente que Nunca se Seca: Un Análisis
sobre las Técnicas Corporales de Mujeres en
Contacto con el Agua en el Semiárido Brasileño*

*The Source that Never Dries: An Analysis about
Women's Body Techniques in Touch with Water
in the Brazilian Semiarid*

Claudio Cavas

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil
claudiocavas@gmail.com

Gabriel de Sena Jardim

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil
gabrielzenajardim@gmail.com

Como citar este artigo:

CAVAS, Claudio Cavas; JARDIM, Gabriel de Sena. A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 214-232, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

La Fuente que Nunca se Seca: Un Análisis sobre las Técnicas Corporales de Mujeres en Contacto con el Agua en el Semiárido Brasileño

The Source that Never Dries: An Analysis about Women's Body Techniques in Touch with Water in the Brazilian Semiarid

Resumo

Nas comunidades mais pobres do mundo, nos lugares onde há falta de água e alimentos, as discriminações e desigualdades de gênero são marcadas por inúmeras dificuldades para as mulheres. Este artigo propõe analisar algumas técnicas corporais de mulheres no trabalho cotidiano com a água, a partir de uma perspectiva pós-colonial. O estudo foi realizado na zona rural de Soledade-PB, Semiárido brasileiro, com onze participantes, através de entrevistas semiestruturadas e coleta de material audiovisual. Os resultados indicam que, apesar dos esforços na integração das dimensões de gênero e água, nos programas e projetos para o desenvolvimento, persistem ainda algumas hierarquias e desafios na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Pós-Colonialismo; Feminismo; Técnicas Corporais; Mulheres; Água.

Resumen

En las comunidades más pobres del mundo, en lugares donde hay una falta de agua y alimentos, las discriminaciones y desigualdades de género están marcadas por numerosas dificultades para las mujeres. Este artículo tiene como objetivo analizar algunas técnicas corporales de mujeres en el trabajo cotidiano con el agua desde una perspectiva postcolonial. El estudio se llevó a cabo en la zona rural de Soledade-PB, Semiárido brasileño, con once participantes, a través de entrevistas semiestruturadas y recogida de material audiovisual. Los resultados indican que a pesar de los esfuerzos en la integración de las dimensiones de género y agua, en los programas y proyectos para el desarrollo, todavía persisten algunas jerarquías y desafíos en la época contemporánea.

Palabras-Clave: Poscolonialismo; Feminismo; Técnicas Corporales; Mujeres; Agua.

Abstract

In the poorest communities in the world, in places where there are lacks of food and water, discriminations and gender inequalities offer numerous difficulties for women. This article aims to analyze some women's body techniques in their daily work in touch with water, from a postcolonial perspective. The study was conducted in the rural Soledade-PB, in the Brazilian Semiarid region, with eleven participants, through semi-structured interviews and the collection of audiovisual material. The results indicate that despite the efforts in the integration of gender and water dimensions, even in the development programs and projects, there are still some hierarchies and challenges in contemporaneity.

Keywords: Post-Colonialism; Feminism; Body Techniques; Women; Water.

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim



Introdução

No Brasil, tanto quanto em muitas outras partes do globo, incluindo a África subsaariana e o sudeste da Ásia – notavelmente nas regiões onde incide o fenômeno das secas – as mulheres, frequentemente acompanhadas dos filhos, continuam sendo as principais responsáveis por buscar a água, com continuidades significativas em seus cotidianos domésticos e familiares. ‘A força que nunca seca’¹, título da canção de Chico César e Vanessa Da Mata, ilustra o primeiro desses movimentos desempenhados pelo corpo feminino, que podem ser compreendidos como técnicas corporais no trabalho cotidiano com a água.

As preocupações mundiais em relação à integração das mulheres, no desenvolvimento de recursos hídricos comunitários, têm um histórico bastante recente na agenda global. A definição de esforços na integração das dimensões de gênero e água parece ter se acentuado após a realização da ‘Conferência Internacional sobre a Água e o Meio Ambiente’, tendo sido definidos na ocasião os princípios sobre a água e o desenvolvimento sustentável, reconhecendo o papel crucial das mulheres no gerenciamento e na salvaguarda da água – o documento ficou conhecido como ‘Princípios de Dublin’ (ICWE, 1992). O debate acerca desta integração teve continuidade na realização da Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio-Ambiente e o Desenvolvimento - CNUMAD) e culminou na ‘Declaração do Milênio das Nações Unidas’, documento assinado por 191 Estados-membros, em setembro de 2000, com a finalidade de acordar compromissos com prazos fixados para o alcance dos ‘Objetivos de Desenvolvimento do Milênio’. Os ODM’s, como ficaram conhecidos, identificam, dentre outras prioridades, a promoção da igualdade entre os sexos e o empoderamento/autonomia das mulheres, incentivando investimentos em infraestruturas capazes de reduzir o tempo gasto por mulheres e crianças na coleta de água e lenha, por exemplo. Dentre os oito objetivos fixados, uma das metas consiste em reduzir pela metade a proporção da população sem acesso permanente e sustentável à água potável até 2015 (PNUD, 2005).

O ‘5º. Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio’ indica que, no Brasil, o percentual da população com acesso à água potável aumentou, passando de 70,1%, em 1990; para 85,5%, em 2012. Todavia, quando decompõe-se os dados por estados da federação e por regiões rurais, observa-se que há ainda muito espaço para melhorar tais indicadores. O cumprimento deste objetivo ainda não foi completamente alcançado nos recortes geográficos e socioeconômicos, onde as desigualdades regionais permanecem ainda em altos níveis. O acesso à água está também associado a discriminações de gênero e raça, importantes na configuração de um cenário cada vez mais hierarquizado (IPEA, 2014).

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa ‘A Fonte que Nunca Seca: uma análise sobre o trabalho cotidiano de mulheres em

1 Já se pode ver ao longe / A senhora com a lata na cabeça / Equilibrando a lata vesga / Mais do que o corpo dita / O que faz o equilíbrio cego / A lata não mostra / O corpo que entorta / Pra lata ficar reta / Pra cada braço uma força / De força não geme uma nota / A lata só cerca, não leva / A água na estrada morta / E a força nunca seca / Pra água que é tão pouca (Chico César / Vanessa Da Mata).

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

contato com a água no Semiárido Brasileiro’, a partir de uma perspectiva anti-essencialista, analisando a relação estabelecida entre mulheres e água em suas vidas cotidianas, assim como nos programas para o desenvolvimento de suas comunidades. A pesquisa, realizada com onze mulheres em seis diferentes comunidades rurais do município de Soledade, na Paraíba, buscou compreender o trabalho cotidiano feminino em contato com a água como técnicas corporais, reconhecendo seus saberes e experiências.

O arcabouço teórico-metodológico – os estudos culturais, pós-coloniais, gênero e feminismo – considera o caráter relativo, situado e parcial dos conhecimentos e saberes, bem como a definição da realidade e dos problemas específicos de cada lugar (HARAWAY, 1988). As teorias possibilitam flexibilizar ideias de pontos de vista hegemônicos, enrijecidos por lógicas de dominação, e lançar um novo olhar sobre a mesma realidade observada, apontando outra maneira de definir o problema e propor soluções. As leituras sugeridas são também projetos políticos que promovem o deslocamento do sujeito da vitimização para a agência, reconhecendo a condição de uma vida ‘entremundos’, de um pensamento de fronteira que busca ir mais além para acessar outros modos de consciência e de ser, conexões rumo à mudança social (Escobar, HARCOURT, 2005; Anzaldúa, 1987).

Pós-Colonialismo e Feminismo Decolonial: pensando a partir das margens

O pós-colonialismo se ocupa, tanto em nível teórico como prático, dos problemas das populações desfavorecidas, da atualidade, dos povos marcados pelas experiências de migração forçada, pela dominação, exploração e opressão em sua variedade de formas. O imperialismo e as práticas coloniais monopolizaram todo um sistema de representações, configurando estruturas ideológicas pautadas por uma suposta essência ou natureza, especialmente atribuída às mulheres e à população negra, justificando a opressão e a dominação de gênero e raça. Em grande medida, tais expressões podem ser observadas tanto nos programas e projetos para o desenvolvimento comunitário, como no universo doméstico familiar, contexto em que se analisam algumas técnicas corporais de mulheres no contato cotidiano com a água.

Os estudos pós-coloniais configuram um campo epistemológico de abordagens críticas sobre os efeitos da colonização nas culturas e sociedades contemporâneas, um conjunto de contribuições teóricas desenvolvidas especialmente a partir de estudos literários e culturais (SAID, 2007, 2011; HALL, 2009; GILROY, 2001; BHABHA, 1998). Inspirados pelo pós-estruturalismo, desconstrutivismo e pós-modernismo, os teóricos pós-coloniais propõem a dissolução de dicotomias e hierarquizações que enrijecem identidades culturais, evidenciando processos de essencialização e dominação que se constituíram historicamente, desde o período colonial, e mantiveram-se após as lutas por independência (COSTA, 2006). Diversas escolas de pensamento vieram a contribuir para o paradigma pós-colonial, como os estudos culturais e feministas, que enfocam a cultura não como a alta cultura das elites sociais, mas como define Ella Shohat, “cultura é tudo que a gente

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim

217

pensa e faz” (MALUF et COSTA, 2002, p. 2).

No campo dos estudos culturais, O Orientalismo de Edward Said é considerado uma importante referência para entendermos as dinâmicas envolvidas pelo pós-colonialismo. A obra examina os modos pelos quais o discurso colonial² operou como instrumento de poder, oferecendo importantes questionamentos sobre o fim do imperialismo no contexto contemporâneo. A partir da interpretação filológica de textos literários e relatos de viajantes o autor investiga, com uma abordagem crítica e humanista, como o Ocidente recriou o Oriente, ou melhor, como o Oriente tornou-se uma invenção a partir da experiência ocidental/europeia das distorções sobre a cultura do Outro colonizado (SAID, 2007).

A crítica feminista pós-colonial tem insistido que o colonizado não deve ser considerado em uma categoria única, chamando a atenção para o fato de que as mulheres têm sido marginalizadas no interior da sociedade colonial/patriarcal. A opressão colonial opera de modo consideravelmente diferente para mulheres e homens; as mulheres, notavelmente as índias e negras, são duplamente colonizadas, submetidas ao poder da dominação colonial do império e a específica dominação masculina do patriarcado – colonizadas para produzir e também para reproduzir (Spivak, 2010; Mohanty in mezzadra, 2008).

Nas colônias, os corpos femininos foram frequentemente o lugar de um poder discursivo diferente; as mulheres eram percebidas não apenas sexualmente, mas como sujeitos reprodutivos, como 'ventres do império' (Whitlock, 1992). As mulheres negras e indígenas não eram sequer consideradas humanas, mas animais ou selvagens, suas sexualidades eram objeto de curiosidade e estudo pelo discurso científico naturalista. Nas metrópoles, o exotismo do corpo feminino negro foi, também, objeto de exibição em espetáculos, seminários de anatomia e medicina, com estudos comparativos em etologia que buscavam comprovar a sua inferioridade, ou hiperssexualidade, em relação à mulher branca ocidental. Os signos da alteridade racial tornaram-se importantes na construção de uma sexualidade feminina transgressiva³.

2 A análise do discurso colonial, baseada no pensamento de Michel Foucault, compreende um sistema complexo de signos e práticas que organizam a existência e a reprodução social dentro de relações coloniais de produção. O discurso constitui-se realidade em um sistema de afirmações estabelecidas por grupos sociais dominantes – colonizadores – dentro do qual o mundo pode ser conhecido, determinando a verdade pela imposição de conhecimentos científicos, disciplinas, valores e crenças, sob os grupos dominados – colonizados. O discurso colonial passou a ser compreendido dentro de um campo de estudos, de análises críticas, sobre ideias relacionadas à centralidade europeia em relação à marginalidade das colônias, fixando o colonizador e a metrópole como ideais de civilização e desenvolvimento a serem alcançados (ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H., 2007).

3 O longa metragem *Vénus Noire*, dirigido por Abdellatif Kechiche (2010), é um notório exemplo sobre a objetificação do corpo feminino negro como entretenimento e investigação na metrópole. O filme, baseado na vida de Saartjie Baartman (1789-1815), conta a trajetória de 'Sarah', como ficou conhecida desde a sua atuação como performer nos conhecidos freak shows, onde se apresentava como aberração da natureza e chocava plateias, principalmente na Inglaterra; ou como atração nas soirées libertines, até a investigação do seu corpo como objeto de curiosidade científica por médicos e naturalistas franceses. Quando se tornou presidente da África do Sul, Nelson Mandela (1918-2013) formalizou pedido de repatriamento dos restos mortais de Saartjie Baartman à França. Após inúmeros debates e trâmites legais, a solicitação foi atendida apenas em 2002.

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

Nas sociedades pós-coloniais, o autoritarismo manteve-se como lógica de dominação, perpetuando a opressão sob as mulheres. A tese de Maria Inácia D'Ávila Neto adquire especial relevância para entendermos as desigualdades de gênero e raça no Brasil em uma leitura psicossociológica pós-colonial; sua pesquisa indica que as raízes do patriarcado colonial estão ainda presentes nas relações de gênero, onde o corpo das mulheres seria o ponto de convergência das estratégias de poder, indicando a mulher não como categoria única, mas com diferenças geracionais, étnicas e de capital cultural, por exemplo (D'ÁVILA NETO, 1994).

Paralelamente, diversos movimentos, políticos, teóricos e sociais, têm transformado a geografia do conhecimento na medida em que estabelecem um pensamento de fronteira; trata-se de um conhecimento produzido a partir das bordas, sugerindo outro modo de pensar, uma consciência crítica em ruptura com o modelo hegemônico ocidental⁴. O feminismo decolonial representa um importante giro epistemológico a esse respeito, ao propor uma revisão crítica das estruturas de dominação do conhecimento e dos poderes por ele instaurados.

A noção de fronteira engloba as dimensões geográficas, culturais, históricas e políticas (D'ÁVILA; REVOLLO, 2012). A fronteira, compreendida como zona limítrofe ou divisão territorial que separa lugares e pessoas, é apropriada para pensarmos tanto nos mapas imperiais, nas cartografias que demarcam os domínios coloniais no chamado território ultramarino (*frontier*), quanto pela sua dimensão cultural, como, por exemplo, nas hierarquias fundadas pela divisão sexual e racial do trabalho (*borderland*) (ANZALDÚA, 1987). A fronteira é também a imagem a partir da qual se constroem espaços de enunciação, local aonde se encontram os saberes e experiências capazes de deslocar o sujeito da vitimização para a condição de agenciamento, ou sujeitos da sua própria história.

Em *Toward a decolonial feminism*, María Lugones (2010) propõe analisar a opressão de gênero, raça e a exploração capitalista a partir de uma epistemologia de fronteira estabelecida pela chamada diferença colonial, pela experiência subjetiva da colonialidade das relações de gênero localizada na própria ferida colonial, na dominação e opressão instauradas pela lógica da colonialidade. A fronteira, ou as margens, de acordo com a autora, constitui-se em um *locus* fraturado onde a subjetividade é construída e percebida por uma dupla ou múltipla consciência, ou, para utilizar o termo empregado por Gloria Anzaldúa (2005), 'uma nova consciência mestiça'.

A ideia de uma consciência que se estabelece pelo seu caráter liminar/marginal, situada a partir da diferença colonial, considera que apenas uma parte do sujeito colonizado é oprimida; a fronteira simboliza, então, esse

4 O Fórum Social Mundial (FSM) é talvez uma das maiores expressões da contemporaneidade na tentativa de traduzir as diversas reivindicações dos diferentes movimentos sociais – afro-americanos, indígenas, feministas, etc. – a partir de um ‘pensamento de fronteira’. Em 2001, o evento teve a sua primeira edição realizada em Porto Alegre, no Brasil, simultaneamente ao Fórum de Davos, na Suíça, reunião da qual participam os chefes de Estado das principais economias mundiais desenvolvidas. Desde então, o FSM propõe a construção de um ambiente crítico e plural de debates frente à globalização e ao neoliberalismo, oferecendo alternativas formuladas a partir de um modelo contra-hegemônico, simbolizado pela ideia/slogan de que “um outro mundo é possível”.

lugar periférico que inclui, simultaneamente, as dicotomias hierárquicas que organizam a subjetificação do colonizado (Ocidente/Oriente, Próspero/Caliban, civilizado/selvagem, desenvolvido/subdesenvolvido, branco/negro, homem/mulher), mas, também, a subjetividade ativa que resiste à invasão colonial (os movimentos anticoloniais, insurreições e formações de quilombos são bons exemplos sobre a aglutinação dessas subjetividades subversivas que se organizam em defesa conjunta).

A perspectiva da diferença colonial revela também as oposições concretas vividas na experiência cotidiana da colonialidade de gênero. O feminismo decolonial promove a crítica contra a universalidade imposta pela modernidade colonial, reivindicando intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade na epistemologia feminista (LUGONES, 2007).

A colonialidade das relações de gênero apresenta múltiplas dimensões. 'As desigualdades de gênero e raça podem ser observadas tanto localmente, nas sociabilidades organizadas no interior da esfera doméstico/familiar/comunitária, quanto globalmente, nos programas e projetos para o desenvolvimento das mulheres do Sul'⁵. A proposta de Chandra Talpade Mohanty (2003) para um 'feminismo sem fronteiras' incorpora o pensamento de feministas engajadas com o compromisso internacional de decolonizar traços que ainda se constituem obstáculos para o desenvolvimento das mulheres do Sul. Essa proposta, reconhecida no âmbito do feminismo decolonial, abarca importantes considerações sobre a teoria e a prática das mulheres do Terceiro Mundo (*Third World Feminism*) e das políticas do feminismo negro contemporâneo (*Black Feminism*). As relações coloniais de poder instituíram, através de lógicas dicotômicas e hierárquicas, categorias que invisibilizam boa parte das experiências de mulheres do Sul.

A presente pesquisa comporta, ao menos, duas dimensões: a primeira consiste em analisar criticamente a manutenção das estruturas de dominação colonial em uma perspectiva macro, identificada pela implementação de estratégias globais para o desenvolvimento de 'recursos hídricos' comunitários; a segunda consiste em observar os resultados produzidos por tais estratégias globais a partir da experiência local, pela (re)configuração de táticas de sobrevivência exercidas como 'artes de fazer' (CERTEAU, 2012a), ou como 'técnicas corporais' no trabalho cotidiano com a água (MAUSS, 2003).

As dimensões acima estão articuladas: a definição e implementação de estratégias globais tem repercussões na adoção e/ou (re)modelagem de 'novas' táticas femininas locais. "As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem" (CERTEAU, 2012, p. 96). Os movimentos exercidos por mulheres no cumprimento de suas atividades cotidianas podem então ser compreendidos como táticas locais na luta pela sobrevivência, são também esquemas táticos de politização de práticas cotidianas femininas; neste estudo busca-se analisar criticamente estas trajetórias.

As 'artes' ou 'maneiras' de fazer podem ser compreendidas como práticas

5 Grifo nosso.

culturais cotidianas, conforme propõe Michel de Certeau (2012a). A cultura ordinária é tomada por invenções técnicas e criativas, são diversas maneiras de fazer que configuram a teoria das práticas, estas revelam um encadeamento harmonioso de técnicas corporais. As maneiras de fazer são teorizadas para dar visibilidade à opressão das mulheres no cotidiano. Antes, porém, de apresentar o estudo realizado com mulheres camponesas em Soledade, vejamos, a seguir, o contexto em que se insere o Programa Água para Todos e a Articulação Semiárido Brasileiro.

Programa Água para Todos e Articulação Semiárido Brasileiro

No Brasil, o problema da escassez de água é, também, recorrente no chamado ‘Polígono das Secas’, hoje denominado ‘Semiárido Brasileiro’, lugar onde a água é considerada assunto estratégico para o desenvolvimento. Embora o Brasil seja considerado um país privilegiado no que diz respeito à quantidade de água doce, entre 12% e 16% do volume total de ‘recursos hídricos’ do planeta Terra, sua distribuição é desigual e concentrada, ou seja, os volumes de água per capita variam bastante, considerando-se a sua distribuição, a densidade populacional e fatores socioeconômicos diversos (CLARKE; KING, 2005). Enquanto na região norte a bacia fluvial do Amazonas detém o maior volume de água doce do globo, com a menor densidade populacional do país; a região nordeste conta com apenas 3% das águas brasileiras, com somente dois rios perenes – o São Francisco e o Parnaíba. (CGEE, 2009).

O atual espaço geográfico do ‘Semiárido Brasileiro’ abrange 980.133,079 km² em extensão territorial e compreende 1.135 municípios distribuídos em oito estados da macrorregião nordeste – Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe – além do estado de Minas Gerais no sudeste. Nessa região vivem cerca de 22 milhões de pessoas, representando aproximadamente 12% da população brasileira, trata-se de uma das regiões secas mais habitadas do mundo (IBGE, 2010).

O Semiárido Brasileiro tem a maior parte do seu território coberto pela Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro. A vegetação é predominantemente caducifólia, caracterizada pelo aspecto cinza nos períodos mais secos, e verde exuberante nos chuvosos. O clima é caracterizado pela irregularidade das chuvas, o que torna o solo progressivamente pobre em nutrientes, levando-o à erosão e à fome na região; são duas estações bem marcadas: uma muito seca e outra regularmente chuvosa, embora sujeita a descontinuidades ao longo dos anos (DUQUE, 2004). Neste cenário, insere-se a atuação do Programa ‘Água para Todos’ e da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA).

O Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Água – Programa ‘Água para Todos’ – foi concebido pelo Governo Federal no âmbito do Plano ‘Brasil Sem Miséria’, ambos em 2011⁶. O Programa, coordenado

6 O Programa ‘Água para Todos’, instituído pelo decreto no. 7.535, em 26 de julho de 2011, integra o Plano ‘Brasil Sem Miséria’, regido pelo decreto no. 7.492, de 02 de junho de 2011 (Dados disponíveis em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1028580/decreto-7535-11> Acesso em 10 de fev. de 2014).

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

Figura 1.



Fonte: Agência Nacional de Águas (INSA, 2012).

pelo Ministério da Integração Nacional (MI), através da Secretaria de Desenvolvimento Regional (SDR), e realizado em parceria interministerial, tem a missão de “promover a universalização do acesso à água em áreas rurais para o consumo humano e para a produção agrícola e alimentar, visando ao pleno desenvolvimento humano e à segurança alimentar e nutricional de famílias em situação de vulnerabilidade social” (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO, 2013, p. 5).

O Programa ‘Água para Todos’ visa garantir o acesso à água às populações que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza, localizadas, principalmente, nas comunidades rurais do Semiárido Brasileiro. A meta é levar água para 750 mil famílias que ainda não têm acesso regular ao recurso até 2014. O Programa viabiliza a implementação das seguintes tecnologias sociais: cisternas e sistemas coletivos de abastecimento de água (poços, estações de tratamento e reservatórios elevados); barreiros e pequenas barragens voltadas à produção rural; além da distribuição de conjuntos de irrigação (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO, 2013).

A implementação das referidas tecnologias abrange o trabalho da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), rede que integra cerca de mil organizações da sociedade civil atuando conjuntamente na gestão e no desenvolvimento de políticas de convivência com o semiárido. O Programa de Formação e Mobilização para a Convivência com o Semiárido se desdobra a partir de duas principais ações: o ‘Programa Um Milhão de Cisternas’ (P1MC) e o ‘Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2)’.

O P1MC tem por objetivo a construção de um milhão de cisternas de placas de cimento pré-moldado para atender as famílias que ainda não têm a chamada ‘primeira água’, ou seja, água para beber, cozinhar e escovar os dentes. A

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

cisterna, destinada ao consumo humano, é construída junto à casa, onde se instalam calhas no telhado para captar a água das chuvas e armazená-la no reservatório; este tem capacidade para até 16 mil litros d'água, quantidade estimada suficiente para uma família de até 5 pessoas passar pelo período de estiagens – calculado em até 8 meses. A construção da cisterna, em formato cilíndrico, coberta e parcialmente enterrada, é realizada por pedreiros locais, capacitados pela equipe do Programa. Na família, é comum que os homens ajudem na construção como serventes de pedreiro e as mulheres cozinham para todos que participam na realização da empreitada. Desde 2003, quando o programa se consolidou, até março de 2014, foram construídas 523.654 cisternas destinadas ao consumo humano⁷.

O Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), popularmente conhecido como segunda água, corresponde a implementação de tecnologias sociais voltadas à produção rural. A iniciativa visa fomentar a construção de processos participativos promovendo a soberania, a segurança alimentar e nutricional através do acesso e manejo da terra e da água para a produção de alimentos. As tecnologias são diversas e obedecem a critérios técnicos observados em relação às características da propriedade, especialmente se estão em conformidade com um sistema integrado e diversificado de produção; dentre elas, para fins deste estudo, destaca-se a cisterna-calçadão. A tecnologia, planejada próxima à área de produção, comporta até 52 mil litros d'água. A cisterna capta a água da chuva por meio de um calçadão de cimento de 200m² construído sobre o solo. O calçadão pode também ser utilizado para a secagem de grãos, como milho e feijão. A água captada tem serventia na irrigação de quintais produtivos, fruteiras, hortaliças e plantas medicinais, além de auxiliar na criação animal. Desde 2007, quando o programa se consolidou, até março de 2014, foram construídas 25.917 cisternas-calçadão⁸.

A escolha do campo considerou regiões prioritárias no processo de implementação de tecnologias sociais para o 'desenvolvimento' comunitário, notavelmente naquelas comunidades onde estivesse sendo implementado o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), cujo objetivo está voltado ao fornecimento de água para a produção de alimentos. O critério se justifica na medida em que consideramos que tais comunidades já tiveram o apoio do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), sendo possível contrastar realidades anteriores às 'novas tecnologias' sociais implementadas e, ao mesmo tempo, observar a participação das mulheres nos referidos programas, concluídos e em fase de desenvolvimento. A Articulação Semiárido Paraibano (ASA Paraíba) recomendou a zona rural do município de Soledade para a execução do estudo. A pesquisa foi primeiramente desenvolvida como uma enquête exploratória, realizada em 27 de junho de 2013, tendo sido aprofundada entre os dias 22 e 27 de agosto de 2013.

Uma Análise sobre as Técnicas Corporais de Mulheres no Trabalho Cotidiano com a Água: O estudo em Soledade, PB

7 Dados disponíveis em: <<http://www.asabrasil.org.br>>. Acesso em 31 de mar. de 2014.

8 Dados disponíveis em: <<http://www.asabrasil.org.br>>. Acesso em 31 de mar. de 2014.

No recanto mais a oeste do agreste paraibano, na microrregião do Curimataú Ocidental, a 165 km de distância da capital João Pessoa, localiza-se o município de Soledade. Atualmente, a população do município, estimada em 13.739 habitantes, sendo 6.770 homens e 6.969 mulheres, ocupa área de 560 km², resultando em densidade populacional de 24,53 hab/km². O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)⁹ é de 0,616, colocando Soledade em 42o lugar entre os 223 municípios do estado da Paraíba e em 3.771o lugar entre os 5.565 municípios brasileiros. Apesar de apresentar índice considerado médio, Soledade está entre os municípios com IDHM mais baixos. A população rural do município, estimada em 3.508 habitantes, sendo 1.694 mulheres e 1.814 homens, está distribuída em seis diferentes setores. As comunidades rurais visitadas (Caiana, Ana de Oliveira, Verdes, Cachoeirinha dos Torres, Umbuzeiro e Alagoinha) fazem parte de três setores rurais, somando a população de 1.418 habitantes, sendo 737 homens (52%) e 681 mulheres (48%), ou seja, representam 40% da população rural total do município (IBGE, 2010).

A pesquisa desenvolvida em Soledade possibilitou elencar algumas das principais técnicas corporais executadas pelas participantes em seus trabalhos cotidianos com a água. A noção de técnica corporal, introduzida por Marcel Mauss (2003), é particularmente importante para uma análise sobre o trabalho cotidiano de mulheres em contato com a água. O corpo, nesta perspectiva, é considerado o primeiro instrumento técnico para o desempenho de tarefas cotidianas, isso significa que antes de tudo é preciso o movimento do corpo para o cumprimento de qualquer ação em nosso dia-a-dia. As técnicas corporais abrigam saberes que se constituem na própria experiência de pobreza vivida por mulheres, são saberes situados pela experiência com a escassez de água, conhecimentos acumulados sobre como sobreviver em meio ao flagelo imposto pelo fenômeno das secas. Nas palavras de Michel de Certeau, são “saberes não sabidos” (2012b).

No total, onze mulheres participaram do estudo que buscou dar visibilidade a diversidade de técnicas corporais executadas como ‘artes de fazer’ (CERTEAU, 2012a) no acesso, uso, controle e gerenciamento da água, examinando a participação das mulheres na implementação de tecnologias sociais do ‘Programa Um Milhão de Cisternas’ (P1MC) e do ‘Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2)’. A tabela a seguir sintetiza algumas das técnicas corporais desempenhadas por cada uma das participantes da pesquisa.

A pesquisa foi realizada a partir de dois procedimentos para coleta de dados: entrevistas qualitativas conduzidas com o auxílio de roteiro semiestruturado e; construção de um *corpus* de análise qualitativa, a partir da coleção de técnicas corporais sobre a relação das mulheres com a água em seus cotidianos. O registro de ambos os procedimentos contou com o auxílio do recurso audiovisual, o uso da câmera possibilitou o registro de testemunhos, narrativas orais e gestuais, além de expressões e movimentos do corpo. A escolha das participantes obedeceu a critérios de disponibilidade e livre consentimento, sendo previamente consultadas pela equipe do Programa de

9 O IDHM é calculado a partir de três dimensões – longevidade, educação e renda – as mesmas utilizadas no cálculo do IDH Global, adaptadas ao contexto brasileiro. (IBGE, 2010).

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

Tabela 1.

Participantes / Demonstração de Técnicas Corporais	1. 'Botar Água'	2. Tratar a Água	3. Cozinhar	4. Lavar Louças	5. Lavar Roupas	6. Limpar a Casa	7. Água para Higiene	8. Reutilizar águas servidas	9. Regar Plantas	10. Dessedentar Animais
Marli Moraes	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Maria de Fátima	X	X	X	X	X	X		X	X	X
Ivone de Fátima	X	X	X	X			X	X	X	X
Ilda Henriques	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Maria José			X	X	X	X	X	X	X	
Marli e Ana Maria Nascimento	X		X	X	X	X	X	X	X	X
Maria dos Santos e Ilma da Silva	X		X	X	X	X		X	X	X
Josefa Almeida e Fabiana Xavier		X	X	X		X	X	X	X	X

Fonte: elaborado pelos autores.

Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades (PATAC), em parceria com o Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano (COLETIVO), instituições recomendadas pela ASA Paraíba. As participantes solicitaram ser identificadas na pesquisa e concordaram em ceder os direitos sob seus depoimentos e imagens, compreendendo que o material integrava um estudo em curso sobre a relação das mulheres com a água em seus cotidianos.

No lugar de 'buscar água', todas as participantes reivindicaram que elas não estão apenas buscando-a, elas estão (1) 'botando água' dentro de casa; isso significa que não é suficiente coletar a água, é também necessário filtrá-la e colocá-la em um lugar seguro para o consumo familiar. De modo semelhante, elas argumentaram que o tratamento da água não se resume ao uso do filtro, por vezes é necessário ferver a água e utilizar o cloro, dependendo da fonte de onde foi coletada, então elas (2) 'tratam a água' usando diferentes métodos.

Estas técnicas corporais são também cíclicas e entrelaçadas; agora que elas têm água limpa e fresca, elas devem ir para a cozinha, depois de (3) 'cozinhar' e alimentar toda a família, elas limpam e organizam tudo, então elas (re)começam a (4) 'lavar a louça'. Frequentemente, estas mulheres não têm torneira em casa, então elas utilizam duas bacias plásticas; em uma elas ensaboam, na outra elas enxáguam. Esta técnica possibilita economizar água, (8) 'reutilizar águas servidas' reduz o tempo gasto buscando água em longas

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

caminhadas procurando por uma fonte. Ao invés de jogá-la fora, elas reutilizam a água (9) ‘regando a plantação’ ou (10) ‘dessedentando animais’.

A maior parte das suas tarefas acontece simultaneamente; enquanto elas tomam conta da panela de pressão no fogão à lenha, elas estão também cuidando das suas crianças e (5) ‘lavando roupas’. Quando elas terminam, mais uma vez é hora de reutilizar a água (6) ‘limpando’ suas casas. Frequentemente, elas também reutilizam a água da lavagem das roupas para a descarga do sanitário, deixando a (7) ‘água para higiene pessoal’ dentro do banheiro para toda a família. As técnicas corporais executadas pelas participantes em contato com a água podem ser agrupadas organicamente. No mosaico a seguir os espaços deixados em branco poderiam ser preenchidos com inúmeras outras técnicas corporais. As técnicas selecionadas são apenas uma parte de um todo, compreendendo-as como significantes para uma análise sobre a relação mulheres e água.

Figura 2.



Fonte: elaborado pelos autores.

As categorias de análise, extraídas a partir das entrevistas e imagens, são apresentadas a seguir:

1) Botar Água – A tarefa mais importante, de acordo com Marli Morais, ‘botar água’ em casa. Ela explica que a água é a base material para tudo que

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim

ela precisa fazer em seu cotidiano. Isso significa que a água possibilita que ela comece a sua jornada. Antes do amanhecer, ela é a primeira a levantar e caminhar cerca de 250 metros com um carrinho de mão e dois baldes até a cisterna comunitária. A rota, considerando o peso, é sempre longa. Primeiramente é necessário coletar um pouco de água para beber e cozinhar, mas, durante o dia, é comum elas caminharem até diferentes fontes de água com diversas finalidades de uso. As tecnologias sociais mudaram o cenário, antes das cisternas, e ainda hoje para mulheres do Semiárido Brasileiro, era comum vê-las guiando jumentos com ancoretas até uma fonte de água. As mulheres mais pobres, aquelas que não têm nenhum animal para ajudá-las, usualmente carregam a água equilibrando uma lata sob as suas cabeças.

2) ‘Tratar a Água’ – Quando elas chegam em casa, mesmo exaustas, há ainda muito trabalho a fazer, incluindo o tratamento e acondicionamento da água. Antigamente, Ilda Henriques afirma que a fervura da água era o método mais comum. Hoje em dia o uso do cloro é a prática mais difundida nas comunidades rurais. Em algumas situações, quando elas não estão seguras sobre a sua qualidade, elas costumam associar diferentes métodos de tratamento. A tarefa é muito importante para toda a saúde familiar e é fundamental para outra técnica corporal desempenhada quase sempre pelas mulheres: preparar os alimentos.

3) ‘Cozinhar’ – Na cozinha o alimento é preparado para ser consumido, é onde o trabalho produtivo, realizado fora de casa, ganha nova denominação, passa a ser conhecido como reprodutivo – não reconhecido e não valorizado. A preparação dos alimentos requer o domínio de técnicas corporais quase sempre em contato com a água. A começar por lavar as mãos e higienizar os alimentos, o trabalho na cozinha tem infinitas continuidades. O corpo se movimenta entre a pia, a geladeira, a mesa e o fogão; na horta, ao lado de casa, legumes, verduras e temperos são colhidos frescos; métodos de processamento são associados a métodos de cocção, práticas que envolvem inúmeros gestos em sequência ordenados. Os utensílios utilizados não dispensam o gesto do corpo e das mãos, o trabalho na cozinha exige, antes de tudo, o movimento do corpo feminino em uma infinidade de tarefas consecutivas.

4) ‘Lavar Louças’ – Após as refeições é preciso limpar e organizar os utensílios que serão novamente utilizados em breve. A técnica consiste em eliminar o ‘grosso’ dos resíduos com as mãos, para em seguida ensaboar panelas, pratos, talheres e copos, com o auxílio de uma esponja com detergente e duas bacias, enxaguando e deixando escorrer o excesso de água. A técnica é adaptada para o melhor aproveitamento da água, especialmente nos regimes de seca, quando os esforços para poupá-la aumentam.

5) ‘Lavar Roupas’ – Em uma bacia com água, a lavagem das roupas consiste em esfregá-las, peça por peça, com as mãos e/ou com o auxílio de uma escova, ensaboando-as pouco a pouco e removendo a sujeira. Em seguida, elas são enxaguadas e torcidas, até que o sabão seja completamente eliminado. Em alguns casos, antes do enxágue, as roupas brancas são alvejadas e colocadas ao sol para quicar, para clarear as peças encardidas. Por último, as roupas são mergulhadas em amaciante, para facilitar outra tarefa também executada pelas mulheres – passar roupas. As máquinas de lavar alteraram significativamente o cotidiano e a técnica. O trabalho deixou de ser realizado

todos os dias, dado que é necessário acumular quantidade mínima de peças para ligar a máquina, contribuindo também para a economia de água. A tecnologia facilitou a lavagem de lençóis, colchas e calças jeans, assim como demais peças pesadas. Todavia, as roupas mais finas, ou delicadas, continuam tendo que ser lavadas à mão. Em ambos os casos, as mulheres continuam sendo praticamente as únicas responsáveis pela lavagem das roupas, não apenas das suas, mas de toda a família. As máquinas ainda não substituem todo o movimento com o corpo, com as mãos.

6) 'Limpar a Casa' – A limpeza da casa começa por organizar tudo o que está fora do lugar, retirando a poeira dos móveis e varrendo todo o chão, eliminando a sujeira 'grossa'. Em um balde, ou bacia, coloca-se a água e o produto de limpeza, em seguida mergulha-se o pano de chão e torce-o, deixando-o apenas úmido. O pano deve ser colocado em uma vassoura ou rodo. A partir de então, o corpo se movimenta em todos os cantos e em cada cômodo da casa, empurrando o pano para frente e para trás. Em alguns casos, primeiro é preciso passar o pano bem molhado, retirando o excesso de sujeira.

7) 'Água para a Higiene Pessoal' – A água para a higiene pessoal é muito frequentemente disponibilizada pelas mulheres. A tarefa consiste em 'botar água' em tambores dentro dos banheiros, armazenando a água para a higiene pessoal de toda a família. Nas comunidades visitadas, todas as participantes relataram facilitar o acesso à água nos banheiros, com a exceção de Ivone de Fátima, onde a água é canalizada e bombeada do poço artesiano equipado com cata-vento. De modo semelhante, na casa de Marli Morais a caixa d'água é abastecida com o auxílio de uma bomba instalada junto à cisterna, mas, a água da caixa é só para as visitas. "É... é pras visitas porque é ignorante uma pessoa aqui mais ou menos, entra, porque vai pro banheiro, não tem, cadê a água da descarga?", ela explica.

8) 'Reutilizar Águas Servidas' – A reutilização das águas servidas consiste em reservar a água administrada em uma determinada tarefa para a execução de uma outra atividade. A técnica é habitualmente empregada no espaço doméstico da casa e dos seus arredores, por isso, é predominantemente associada às mulheres. Os esforços despendidos fazem parte da luta cotidiana na convivência com o fenômeno das secas, o não reaproveitamento da água implicaria em 'botar' mais água em casa, o que tornaria o dia a dia ainda mais penoso. Quando está chovendo, não carece reutilizar as águas servidas, lembra Marli Nascimento. Trata-se, portanto, mais uma vez, de uma relação de trabalho, precarizada pela condição de desastre natural, e não de uma essência atribuída às mulheres.

9) 'Regar as Plantas' – No período das secas muitas mulheres reutilizam as águas servidas para regar algumas plantas, mas apenas para os pés de frutas, Marli Morais explica que na horta a água deve ser sempre limpa. Logo cedo, por vezes ainda de madrugada, elas se servem de regadores, baldes e latas para aguar as plantas, em algumas ocasiões elas improvisam a chamada irrigação por gotejamento. A bricolagem consiste em reutilizar bacias e pneus velhos com pequenos furinhos posicionados próximo às plantas, onde elas 'botam' água todos os dias. O gotejamento permite manter a umidade da terra, mantendo as plantas vivas e produtivas. A técnica pode ser verificada principalmente junto aos pés de frutas. De modo semelhante, para as plantas

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

que estão em vaso, elas reciclam garrafas *pet* enchendo-as com água, fazendo um pequeno furo na tampa e virando-as de cabeça para baixo, também para manter a umidade.

10) ‘Dessedentar Animais’ – A técnica consiste em ‘botar água’ em cochos para saciar a sede dos animais. Os carrinhos de mão, baldes e latas, são novamente instrumentos secundários utilizados para o transporte da água. No período de estiagens, quando os reservatórios e açudes secam, muitas mulheres tangem o gado até o barreiro mais próximo. O trabalho cotidiano de matar a sede dos animais não reserva folgas, Ivone de Fátima explica que mesmo aos domingos, quando boa parte da família se desloca para a cidade, ela precisa ficar em casa e se ocupar da ração e da água para os animais nos currais. As ‘novas tecnologias’ também colaboram para o desempenho da tarefa, dado que permitem armazenar maior quantidade de água para o consumo animal. A técnica foi readaptada, agora muitas vezes consiste em suspender e pressionar uma bomba manual, fabricada com tubos de PVC. As cisternas, e a água reservada nelas, parecem ter se tornado mais uma obrigação feminina. A tecnologia transferiu a responsabilidade em saciar a sede dos animais, antes predominantemente masculina, às mulheres; sob o pretexto da ‘facilidade’ propiciada ao trabalho outrora pesado, agora considerado leve. O trabalho das mulheres abrange vastos territórios, quando muitas delas estão se deslocando, elas não estão apenas cruzando os limites físicos de suas propriedades, mas também as fronteiras de gênero, ocupando-se de atividades consideradas tipicamente masculinas.

Considerações Finais

As teorias e conceitos apresentados são potencialmente favoráveis para incorporar, com maior amplitude, as vozes subalternas, incluindo possíveis transformações nos papéis de gênero que podem contribuir para novas práticas e saberes. Ao pensar a partir das margens, o trabalho dos pesquisadores na tradução cultural, ou transcultural, atravessam fronteiras, ao estabelecer uma crítica em relação à imposição de hierarquias, presumidamente universais e essencializantes, que excluem determinados grupos sociais, estigmatizados e marcados simbolicamente e socialmente como inferiores.

Desde o século XVI, os colonizadores impuseram essa maneira de pensar, utilizando o poder religioso e militar, assim como outras formas de exploração que perduram na contemporaneidade, símbolo da dominação do Ocidente sobre o resto do mundo. Os caminhos apresentados neste trabalho indicam uma compreensão anti-essencialista, podendo recriar e subverter fronteiras, traduzindo novas subjetividades.

Apesar dos esforços na integração de gênero nas políticas públicas para o desenvolvimento comunitário, as novas tecnologias sociais não significam quaisquer mudanças nas estruturas coloniais/patriarcais e na divisão sexual do trabalho – as mulheres continuam responsáveis pelas mesmas tarefas de antes, o que indica a permanência de determinadas hierarquias, como as de gênero e raça. Ao contrário do que supõem as agências de auxílio para o desenvolvimento, a implementação de tecnologias sociais não implica em processos participativos e/ou equitativos, resultando em maior tempo livre para

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim

229

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

que as mulheres possam desfrutar de algum descanso ou investir na sua educação. No estudo analisado, embora as cisternas tenham diminuído as distâncias na luta para ‘botar água’, isso não significa que hoje as elas gozam de algum tempo livre para o descanso ou lazer, na realidade, o tempo que lhes sobram é novamente empregado na realização de um novo serviço em prol da família/comunidade.

A implementação de tecnologias sociais, a exemplo das cisternas com captação de água das chuvas pelo telhado, oferecem acesso à água próximo a casa, atendendo a uma necessidade básica – água para beber e cozinhar. Embora esta realidade não seja comum a todas as mulheres, o trabalho de ‘botar água’ é facilitado. As distâncias diminuem, o espaço/tempo sofre compressão, aspectos da globalização trazidos pelos programas e projetos para o ‘desenvolvimento’ comunitário. O que as ‘novas’ tecnologias não mudam é o trabalho da mulher; ao contrário, elas ganham uma nova responsabilidade – a limpeza e manutenção periódica das cisternas.

Na prática, as ‘novas’ tecnologias mudam apenas a relação instrumental com a água, o que não muda é o primeiro destes instrumentos, necessário ao cumprimento das tarefas cotidianas – o corpo feminino na execução de ‘novas’ táticas de sobrevivência exercidas como ‘artes’ ou ‘maneiras’ de fazer. As técnicas corporais foram reajustadas para o cumprimento das ‘tarefas do lar’; os instrumentos secundários, a frequência e a sazonalidade sofreram alterações; depois das cisternas temos, respectivamente, os seguintes exemplos: a lata d’água na cabeça e o jumento foram substituídos pelo carrinho de mão (instrumentos secundários); a tarefa ‘botar água’ deixou de ser um compromisso diário (frequência); as dificuldades encontradas durante o período das secas foram sensivelmente reduzidas (sazonalidade), embora mantenham-se em grande parte como compromisso das mulheres, dando sequência a inúmeras outras atividades interconectadas ciclicamente.

Uma análise psicossociológica indica rupturas e continuidades – apesar das conquistas alcançadas, as mulheres são ainda as principais encarregadas pelas mesmas tarefas cotidianas de antes, notavelmente, todo o trabalho nos cuidados com os filhos e a família nos afazeres domésticos: ‘botar água’, incluindo buscá-la, tratá-la e armazená-la; cozinhar e lavar louças; limpar a casa e lavar roupas – reutilizando a água sempre que possível; abastecer os banheiros com água para higiene pessoal, facilitando o acesso a toda a família; regar plantas e dessedentar animais; além da limpeza, manutenção e salvaguarda das cisternas e reservatórios de água. As mulheres são uma inesgotável fonte de trabalhos cotidianos em contato com a água; as mulheres são uma fonte que nunca seca.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 704 – 719, 2005.

A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre Técnicas Corporais de Mulheres em Contato com a Água no Semiárido Brasileiro

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-Colonial Studies: the key concepts**. 2nd ed. London and New York, Routledge, 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. 11ª ed. Petrópolis, Vozes, 2012b.

CGEE. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **A questão da água no Nordeste [recurso eletrônico]**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009.

CLARKE, Robin; KING, Jannet. **O atlas da água**. São Paulo: Publifolha, 2005.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 60, p. 117 - 134, 2006.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia.; REVOLLO, Catalina. Desplazamiento y 'nuevas' identidades en la migración. **Revista Tramas. Subjetividad y Procesos Sociales**, n. 37, p. 13 - 31, 2012.

DUQUE, José Guimarães. **Solo e Água do Polígono das Secas**. 6ª. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

ESCOBAR, Arturo; HARCOURT, Wendy. Practices of difference: introducing women and the politics of place. **Women and the politics of place**. Bloomfield, CT: Kumarian Press, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575 – 599, 1988.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2013.

ICWE. International Conference on Water and the Environment. **The Dublin**

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim



Statement on Water and Sustainable Development. 1992.

INSA. Instituto Nacional do Semiárido. **Nova delimitação do Semiárido brasileiro.** 2012. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010 (Dados extraídos a partir do XII Recenseamento Geral do Brasil).

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – 5º.** Relatório Nacional de Acompanhamento – Brasília: Ipea, 2014.

LUGONES, Maria. **Toward a decolonial feminism.** *Hypatia.* v. 25, n. 4. 2010.

LUGONES, Maria. Heterosexualisms and the Colonial / Modern Gender System. *Hypatia.* v. 22, n. 1, p. 186 - 209, 2007.

MALUF, Sônia. et COSTA, Claudia. Feminismo Fora do Centro: entrevista com Ella Shohat'. **Revista Estudos Feministas,** v. 9, n. 1, p. 147 - 163. 2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In:* MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399 - 422.

MINISTÉRIO da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da água.** (Programa Água para Todos). 2013. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo los ojos de Occidente: saber academico y discursos coloniais. *In:* MEZZADRA, Sandro (Org.). **Estudios postcoloniales. Ensayos Fundamentales.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2008, p. 117 – 163.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Projeto do Milênio das Nações Unidas 2005.** Investindo no Desenvolvimento: Um plano prático para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Visão Geral. Nova Iorque: Millenium Project, 2005.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WHITLOCK, Gillian. Outlaws of the Text: Women's Bodies and the Organisation of Gender in Imperial Space. Paper presented at the Australia/Canada: **Postcolonialism and women's texts research seminar,** Calgary Institute for the Humanities, February, 1992.

Recebido em 22 de julho de 2016.

Aceito em 14 de fevereiro de 2017.

Claudio Cavas, Gabriel de Sena Jardim

